

O MAR DO

Agrupamento de Escolas
Gabriel Pereira de Évora
Alunos, Professores e Pais
2020

ALENTEJO

DO MAR

ALEN

FICHA TÉCNICA

Título: O Mar do Alentejo.

Projeto: Ana Aleixo, Gracinda Mendes, Helena Bruno, Manuel Dias, Maria José Silvestre, Natália Papa, Natércia Fadista, Patrícia Mocho e Sara Amante

Autores: Alunos, professores e pais do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora

Colaboradores: Alunos, pais e professores do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora

Organização: Gracinda Mendes e Maria José Silvestre

Publicação: Manuel Dias

Edição: Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira – Évora

Seleção de imagens: Gracinda Mendes e Maria José Silvestre (Coord.), Manuel Dias, Manuela Frade e Maria João Machado

Paginação: Maria José Silvestre e Manuel Dias

Revisão dos textos: Maria José Silvestre e Gracinda Mendes (Coord.), Maria Helena Bruno, Margarida Amaral, Natália Papa e Patrícia Mocho

Páginas: 85

Ano de publicação: 2020

| | |
|--|---------|
| Prefácio | pág. 4 |
| Capítulo I – Ondulações | pág. 5 |
| <u>Esta terra... este Alentejo – Gracinda Mendes (professora)</u> | pág. 7 |
| <u>Há mar e mar, há ir e voltar – Maria José Silvestre (professora)</u> | pág. 8 |
| <u>Da nossa Literatura vê-se o mar – Maria José Silvestre (professora)</u> | pág. 9 |
| <u>Olhar o mar como metáfora filosófica – Margarida Amaral (professora)</u> | pág. 10 |
| Capítulo II – Maré cheia | pág. 12 |
| <u>Alentejo – Afonso Mira (8.º A), Filipe Consolado (8.º A), Francisco Rosado (8.º B) e Madalena Avó (8.º B)</u> | pág. 14 |
| <u>Alentejo meu – Patrícia Mocho (professora)</u> | pág. 15 |
| <u>Eterno Flutuar – Sara Garras Clemente, 9.º F</u> | pág. 16 |
| <u>O meu Alentejo. Rimas improváveis – Tiago Fretes, 8.º B</u> | pág. 18 |
| <u>PoeMÁRIO 1 – Afonso Cadete, Maria Cruz e Mariana Marques, 11.º D</u> | pág. 19 |
| <u>PoeMÁRIO 2 – João Madeira, Margarida Santos e Raquel Madeira, 11.ºD</u> | pág. 20 |
| <u>PoeMÁRIO 3 – Carolina Drof, Madalena Vasconcelos, Matilde Soares e Pedro Bilro, 11.ºD</u> | pág. 21 |
| <u>PoeMÁRIO 4 – Ana Martins, Inês Gancho, Maria Beatriz Bilo e Simão Rebocho, 11.º D</u> | pág. 22 |
| <u>PoeMÁRIO 5 – André Grilo, Filipe Casquinha, Filipe Tojo, Guilherme Gusmão e Inês Oliveira, 11.º D</u> | pág. 23 |
| <u>Praia Grande (Porto Covo) – António Luís e Luís Sousa, 9.º F</u> | pág. 24 |
| <u>Sem Nome – Natália Papa (professora)</u> | pág. 25 |
| <u>Ser feliz no Alentejo – António Vaz Sequeira, 9.º G</u> | pág. 26 |
| <u>Um lugar maravilhoso – Inês Pombo, 8.º A</u> | pág. 27 |
| <u>Vem conhecer o Alentejo – João Calçada, 9.º F</u> | pág. 28 |
| Capítulo III – tempestade | pág. 30 |
| <u>Absolvição – Inês Oliveira, 11.º D</u> | pág. 32 |
| <u>A cidade vista da minha janela – Inês Gancho, 11.º D</u> | pág. 33 |
| <u>Carpe Diem – André Grilo, 11.º D</u> | pág. 34 |
| <u>Cidade-fantasma – Marta Rosa, 11.º D</u> | pág. 36 |
| <u>Com outros olhos – Madalena Barradas, 11.º D</u> | pág. 37 |
| <u>Como vejo o mundo da minha janela? Uma graça? Uma desgraça? – Rita Consolado, 11.º D</u> | pág. 39 |
| <u>Da minha janela – Madalena Vasconcelos, 11.º D</u> | pág. 40 |
| <u>Decisões – Simão Rebocho, 11.º D</u> | pág. 41 |

| | |
|---|---------|
| <u>(Des)Confinamento – Guilherme Gusmão, 11.º D</u> | pág. 42 |
| <u>Deslumbramentos – Beatriz Bilo, 11.º D</u> | pág. 43 |
| <u>Já estou farta da minha cidade vista da minha janela – Mariana Marques, 11.º D</u> | pág. 44 |
| <u>Novas rotinas 1 – Ana Martins, 11.º D</u> | pág. 45 |
| <u>Novas rotinas 2 – João Madeira, 11.º D</u> | pág. 46 |
| <u>O antes e o depois 1 – Helena Vornicescu, 11.º D</u> | pág. 47 |
| <u>O antes e o depois 2 – Tiago Matos, 11.º D</u> | pág. 48 |
| <u>Paisagem rural – Carolina Drof, 11.º D</u> | pág. 50 |
| <u>Perceções – Madalena Santos, 11.º D</u> | pág. 51 |
| <u>Retrato da minha aldeia vista da minha janela – Filipe Casquinha, 11.º D</u> | pág. 52 |
| <u>Retrato da minha vila vista da minha janela – Raquel Madeira, 11.º D</u> | pág. 53 |
| <u>Uma cidade melhor – Marcelo Alves Jr., 11.º D</u> | pág. 54 |
| <u>Vista da minha janela – Maria Cruz, 11.º D</u> | pág. 56 |
| <u>Voltar ao normal – Pedro Bilro, 11.º D</u> | pág. 57 |
| Capítulo IV – Vagas | pág. 59 |
| <u>Este é o meu Alentejo – Helena Perdigão (professora)</u> | pág. 61 |
| <u>Este nosso Alentejo – Tiago Madureira, 9.º G</u> | pág. 62 |
| <u>Évora – Margarida Santos, 11.º D</u> | pág. 63 |
| <u>Évora vista das minhas janelas – Madalena Costa, 11.º D</u> | pág. 64 |
| <u>“Há mar e mar, há ir e voltar” – Beatriz Carvalho e Maria Carolina Leonardo, 9.º G</u> | pág. 65 |
| <u>Há aqui um mar de... – Inês Oliveira, 11.º D</u> | pág. 66 |
| <u>Na minha cidade há um mar de... (texto coletivo da turma 8.º A)</u> | pág. 67 |
| <u>Mar do Alentejo (texto coletivo da turma 9.º C – Academia de Português)</u> | pág. 69 |
| <u>O Alentejo 1 – Margarida Correia, 9.º F</u> | pág. 70 |
| <u>O Alentejo 2 – Ângelo Teixeira, David Aires, Filipe Eustáquio, Ivo Távora, Jorge Afonso, Vasco Freixial, 9.º G</u> | pág. 71 |
| <u>O Mar do Alentejo (texto coletivo da turma 9.º A – Academia de Português)</u> | pág. 73 |
| <u>O nosso Alentejo é um mar de liberdade – Matilde Cravosa, 8.º B</u> | pág. 74 |
| <u>Obrigado – Daniela Fialho, 9.º E</u> | pág. 76 |
| <u>Viver oceanos de solidão – Inês Riço e Ana Quadrado, 9.º G</u> | pág. 78 |

O Mar do Alentejo resulta da vontade de dar continuidade ao projeto lançada há dois anos por um grupo de professores de Português de 3.º ciclo e secundário que tinha como propósito divulgar a produção escrita dos alunos sobre temáticas várias e considerar, também, o contributo de toda a comunidade educativa que quisesse associar-se a essa ideia.

No presente ano, o tema sugerido é porventura dos mais estimulantes, pois as palavras seriam ser facilmente «encontradas», quando se trata de pensar sobre a nossa terra. Foi essa certeza que sentimos nos alunos e de quem aqui deixou o seu olhar sobre esta região que é de todos nós.

Como o Alentejo é interior, mas também é litoral, as temáticas encontradas para o Mar do Alentejo vieram também embaladas pela brisa marítima.

No Capítulo I – Ondulações, apresentam-se textos que comprovam que o mar marcou desde sempre a vida de muitos portugueses, especialmente aqueles que procuraram nele o sustento diário. A nossa língua fixou de forma indelével expressões que lembrarão a todos a presença do mar na nossa História.

No Capítulo II – Maré cheia, encontra-se a produção poética genuína e singular de alunos e professores sobre a terra e sobre o mar do nosso Alentejo.

A um mar calmo, por vezes, segue-se um mar revoltoso e é no Capítulo III – Tempestade que se podem ler vivências diversas, mas ligadas a um mesmo contexto, o período de confinamento vivido no último período escolar, e que nos esclarecem sobre o estado de alma que a tormenta provocou nos alunos nesse tempo de impedimento de regresso à escola.

Não terminamos com mar bonançoso, mas ainda navegamos no mar alto, no Capítulo IV – Vagas, com um conjunto de textos em prosa, que se leem sem sobressaltos, mas com exaltação, em que desfilam as paisagens douradas do campo alentejano ao lado do azul imenso do mar.

Os textos dos alunos (individuais ou coletivos) foram produzidos em contextos diversificados: quer em aulas de Português, quer inseridos em projetos, no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC) de diferentes turmas, quer em oficinas de escrita na Academia de Português. As ilustrações que acompanham os textos (resultado do trabalho realizado na disciplina de Educação Visual, individuais umas, coletivas outras) valem, só por si, como indicador da beleza indizível da paisagem do Alentejo: a terra e o mar. A todos os autores e leitores desejamos boas leituras.

CAPÍTULO I – ONDULAÇÕES



**O ALENTEJO É A
NOSSA PRAIA,
ONDE AS
SEARAS
ONDULAM**

Trabalho orientado a distância com recurso a ferramentas digitais
3.º Período de 2020
Trabalho coletivo da turma 8.º G

ESTA TERRA... ESTE ALENTEJO – Gracinda Mendes (professora)

É a voz da terra, o assombro no olhar, os longos silêncios planos, a cadência calma, a conversa que se faz serena e prolongada e a luz que mais ninguém tem no horizonte.

Eça dizia da sua terra que ouvia os ribeirinhos a cantar, Torga sabia-lhe a força única que chegava a reter os santos naquelas penedias sem vontade de elevação divina. Sobram aos poetas as palavras para colorirem as suas terras e fica-nos, a nós, a militância pela nossa, porque a alma também fala.

Não me parece que haja desertores, porque a voz da nossa terra chama os seus e também maravilha outros que a descobrem, apanhados na rede dos seus encantos e nos rostos desassombrados dos que nela vivem, indiferentes ao clamor dos visitantes.

Por vezes, ainda se ouve a voz compungida da calipolense Florbela, mas a natureza tudo embala e conforta e, no fim do dia, fica a criação e só ela importa.

O inefável, afinal, também pode ser dito e contado e o Alentejo está soberanamente descrito nas palavras soltas e belas dos nossos alunos.

Não será demérito deles não nos enternecermos com o mistério da sua terra, será talvez mais incapacidade nossa.

O Alentejo é um poema!



“HÁ MAR E MAR, HÁ IR E VOLTAR” – Maria José Silvestre (professora)

Expressões como a que dá título a este texto incorporaram muito justamente o léxico português. Porém, apesar de usadas com propriedade, muitas delas perderam no tempo e no uso quotidiano a paternidade, que aqui tentamos recuperar.

A expressão “Há mar e mar, há ir e voltar” ficou no ouvido de tão repetida nas campanhas de prevenção contra o afogamento, durante as épocas balneares. O autor é Alexandre O’Neill (1924-1986), poeta surrealista e publicitário, preso pela PIDE por diversas vezes. “Gaivota”, cantado por Amália Rodrigues, é um dos seus poemas mais conhecidos.

Mas o mar, que nos tem alimentado, levado e trazido, animado e solidariamente escutado ao longo de todos os séculos da nossa afirmação como povo e nação, introduziu na nossa língua uma larga terminologia naval que quotidianamente repetimos. “Perder a tramontana” significava perder o lado norte do Mediterrâneo, ou seja, a Estrela Polar. Estava “à cunha” o navio quando estava já completamente aparelhado. “Perdiam as estribeiras” os marinheiros que colocavam mal os pés (noutro local que não nas “estribeiras”) no ponto de apoio do alto das vergas. E quando hoje referimos que estamos “enrascados” nem fazemos ideia de que a origem da expressão advém das lides marítimas: enrascar é colocar barços, cabos, velas ou bandeiras no poleame (o conjunto de todas as peças destinadas à passagem ou ao retorno de cabos em geral ocupados na fixação e no manuseio das velas). Também noutras línguas a arte de marear deixou, logicamente, marcas. À chegada do navio, colhiam-se as velas. Colher a vela é, pois, chegar, em Português, arriver, em Francês, e to arrive, em Inglês. E chegar é também arribar, encontrar a riba, a praia – o que implica que o rival é a pessoa que estava na outra margem. Hoje, um rival continua a estar numa qualquer outra margem, seja ela no campo do desporto ou da vida amorosa ou política.

Fonte: Roby Amorim, *Elucidário de conhecimentos quase inúteis*, Edições Salamandra

A temática do mar está patente na Literatura portuguesa desde os tempos da fundação da nacionalidade. Lembremos a cantiga medieval de Martin Codax (provavelmente um jogral galego, ativo no final do século XIII) “Ondas do mar de Vigo” (“Ondas do mar de Vigo / se vistes meu amigo / e ai Deus se verrá cedo?”), o episódio da “Tempestade” d’Os Lusíadas do nosso grande Luís de Camões (“A nau grande, em que vai Paulo da Gama, / Quebrado leva o masto pelo meio, / Quási toda alagada” (VI, 75) ou os belíssimos poemas sobre o mar de muitos dos nossos poetas, como Sophia de Mello Breyner Andresen (“Mar”: “Mar, metade da minha alma é fita de maresia”), Saramago (“A ti regresso, mar, ao gosto forte”), Manuel Alegre (“Coisa amar”: “Contar-te o amor ardente / e as ilhas que só há no verbo amar.”), Miguel Torga (“Mar”: “Mar! / Tinhas um nome que ninguém temia: / Eras um campo macio de lavrar / Ou qualquer sugestão que apetecia...”), Eugénio de Andrade (“Mar, mar e mar”: “Então o mar é carícia, / Luz molhada onde desperta / Meu coração recente”) ou Fernando Pessoa (“X. Mar português”: “Ó mar salgado quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!”).

É extensa a lista de obras de obras literárias em cujos títulos se espraia o mar. Desde logo a História Trágico-Marítima, histórias reunidas por Bernardo Gomes de Brito, publicadas em dois volumes em 1735 e 1736, escritas pelos próprios sobreviventes e apresentando a face negra dos descobrimentos: a tragédia em vez da glória. Mas também a obra de Fernão Mendes Pinto Peregrinação (escrita entre 1558 e 1568), as Histórias da Terra e do Mar, de Sophia de Melo Breyner Andresen ou os livros de Raul Brandão Os Pescadores e As Ilhas Desconhecidas.

E assim não será de estranhar que, neste país “à beira-mar plantado” tantas expressões com cheiro a maresia e a mar tenham sido transpostas das obras de autor para o falar quotidiano do nosso povo: de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso, viver não é preciso” ou “passar além do Bojador”, com o significado de ultrapassar dificuldades; de Alexandre O’Neill, autor do poema “Gaivota” que Amália e o fado imortalizaram, “Há mar e mar, há ir e voltar”, da campanha publicitária contra o afogamento durante a época balnear, que foi criação sua.

Afinal, somos um país à beira-mar plantado e sabemos bem o significado do provérbio popular “gaivotas em terra, tempestade no mar”, ainda que vivamos no interior.

Olhar o mar é conceber o infinito, abstrairmo-nos do tempo e do espaço que nos limitam, trocando-os pela liberdade das maiores descobertas. Ao olhar o mar, propomo-nos a abraçar o infinito que em nós se esconde, num movimento de introspeção que, se for realizado autenticamente, é infinito como o próprio mar. Ao olhar o mar, para além de nós mesmos, podemos realizar uma imensidão de descobertas – igualmente infinitas como o mar. Neste sentido, olhar o mar pode ser a metáfora ideal para a verdadeira atitude filosófica, a qual implica humildade e autenticidade diante do infinito do que há para pensar, dentro e fora de nós.

A respeito da humildade, é de destacar que a origem etimológica da palavra “filosofia” nos remete para o facto de ela ser o amor pela sabedoria. A condição de possibilidade deste amor, como talvez de qualquer outro, é a procura que, por contraponto à posse, implica estar a caminho. Amar o saber é assumir que ele não está, nem nunca estará, na nossa posse e, por isso mesmo, persistimos na sua procura. Esta atitude configura uma postura de humildade diante da infinitude do que há para pensar.

Por seu turno, a autenticidade depende da capacidade de treinar a perspetivação, criando as condições da imparcialidade. Perspetivar significa ver de vários ângulos, evitando assim preconceitos (des)orientadores. Diante do infinito, os preconceitos são efetivamente confortáveis, mas não configuram uma atitude filosófica autêntica. Pelo contrário, é preciso olhar o infinito com a coragem de quem entrou no “barquito” que Nietzsche refere em *A Gaia Ciência*: “Agora, barquito, toma cuidado! Tens na tua frente o oceano! É verdade que ele nem sempre ruga, por vezes espraia-se calmo, como se fosse seda, oiro e um sonho de bondade! Momentos virão, porém, em que reconhecerás que ele é infinito e que nada há de mais terrível do que a infinitude.” Enfrentar o infinito do que há para pensar, com a imparcialidade de quem evita preconceitos, representa a autenticidade do pensamento filosófico; mais: representa a autenticidade de uma vida na qual esta atitude filosófica já se entranhou.

A atitude filosófica pode bem ser representada como olhar o mar, símbolo de um infinito que, por o ser, não se pode alcançar e que, por vezes, é fonte de desassossego. Assim saibamos estar à altura de um olhar profundo como o próprio mar!



CAPÍTULO II – Maré Cheia



Ínsulo sul
técnica mista sobre papel
29x24 cm
2019

Alexandra Grave

ALENTEJO – Afonso Mira (8.º A), Filipe Consolado (8.º A), Francisco Rosado (8.º B) e Madalena Avó (8.º B)

Do Alentejo no nosso país
muitos dizem mal.
Mas o Alentejo é a minha raiz.

Há quem prefira o Ribatejo,
mas eu gosto é do Alentejo.

O meu Alentejo em cultura,
tem boa gente e agricultura.

O Alentejo tem bom ar,
e terrenos bons para cultivar.

A capital do Alto Alentejo tem
um aroma que não se pode igualar,
belos campos, gente culta
e recantos de beleza sem par.

Vem ao Alentejo ver belos sítios
e no caminho comes uns deliciosos petiscos.



ALENTEJO MEU – Patrícia Mocho (professora)


Alentejo,
Alma tranquila
Campos dourados
Casas caiadas em fila
Aves cantam embalando-nos num sonho acordado

Alentejo,
Sol que brilha em rostos enrugados
O vento que gentilmente sopra os nossos cabelos
O céu limpo e pintado a azul claro
E o tempo que passa devagar e sem apelos.

Alentejo,
Em mim marcado e selado
Sentimento profundo
Sentimento enraizado
De pertença no meu coração guardado.



ETERNO FLUTUAR – Sara Garras Clemente, 9.º F



Caio na água expectante e
sinto um estrondo no coração
o sangue bate-me alto nos ouvidos
como uma melodia que não se pode ignorar
mas o chapinhar da água nunca chega ou, nunca chega a chegar
em vez disso apenas silêncio eterno
e o leve murmúrio do meu flutuar.
Sinto-me acolhida, naquela vasta solidão do mar
os dias passam como um filme e
o sentimento já não é aconchegador.
É sufocante, não me deixa pensar e
a única coisa que agora sinto é a grave necessidade de escapar
com a cabeça à roda
e os nervos à flor da pele
grito para que alguém me salve
mas a minha voz já nem consegue funcionar.
Sinto-me finalmente perdida, um sentimento assustador.
Quando andamos à deriva
com a cabeça a flutuar
chego a conclusão de que não tenho mais
nenhuma opção sem ser: nadar.
mas nadar para onde? nadar para quê?
continuo então a flutuar, sem saber bem o porquê.

Desde que nasci
Te conheci
E nunca mais te esqueci.

Os teus olhares me encantaram,
Como sol a brilhar,
Ainda hoje me lembro desse olhar,
Que lindo olhar,
Repleto de flores cor do amor,
E de plântulas cheias de cor.

As flores são as minhas melhores amigas,
Não me julgam
Nem me atraçoam,
Simplesmente me apoiam.
Papoilas e malmequeres,
Que mais queres?

Lugar tão belo não há.



O Alentejo localiza-se em Portugal,
por isso no meu Alentejo
deve existir um... pombal.

No meu Alentejo existe ar,
que leva as ondas do mar
até um largo lugar.

No meu Alentejo existe
um vasto terreno de campo,
com pessoas que até
poderão ter... sarampo.

No meu Alentejo existe
um mar de praias no litoral,
com aves várias e até um... pardal.

No meu Alentejo existem escritores
que fazem obras belíssimas
sobre o dia a dia dos trabalhadores.

No meu Alentejo existe amor,
reconhecido pelo seu sabor.

No meu Alentejo existe
quase tudo que há no planeta,
incluindo, felizmente, a minha caneta.



PoeMÁRIO 1 – Afonso Cadete, Maria Cruz e Mariana Marques, 11.º D

*“Quem prende a água que corre
É por si próprio enganado.
O ribeirinho não morre,
Vai correr por todo lado.”*

António Aleixo

Pois ele corre, corre, corre...
E quando por fim se desprende
Inunda este mundo e o outro
Com água, sol e alegria ingente.

Vai correr por todo lado
Ou talvez por lado nenhum.
Talvez tal estivesse destinado
Ou não houvesse motivo algum.

E se o destino for a razão
Desta tal inundação?
Teremos a nossa história escrita
Sem palavra alguma necessitar ser dita...

Isto tudo para dizer
Que não há nada que possamos fazer
A não ser...
Deixar a água correr.

PoeMÁRIO 2 – João Madeira, Margarida Santos e Raquel Madeira, 11.ºD

***“Quem prende a água que corre
É por si próprio enganado.
O ribeirinho não morre,
Vai correr por todo lado.”***

António Aleixo

Aquilo que nasce selvagem
Não pode ser enjaulado:
Nem a maior das barragens
Para a água do rio no seu traçado.

E quem se engana é que morre,
Pois quem se prende não corre.
E água que livre se move
Não quer seu ser aprisionado.

É como a água que escorre
Pelo meu rosto cansado.
Se ao menos alguém viesse
Dar socorro a este ser desenganado...

PoeMÁRIO 3 – Carolina Drof, Madalena Vasconcelos, Matilde Soares e Pedro Bilro, 11.ºD

*Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe
E ao recuar te transformas
Como se o mar nada fosse,*

*Porque é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?*

Fernando Pessoa

Olho as ondas com atenção
E não te consigo avistar
Embarco num navio branco
Para te poder encontrar.

As ondas do mar vão e voltam
E assim vai a nossa vida...
Quando o mar te afasta de mim
Sou uma alma perdida.

Neste nosso mar antigo
Suplico gritando até me ouvires:
«Leva-me p'ra longe contigo
Até onde conseguires!»

Um dia em que decidas voltar
Cá estarei p'ra em ti mergulhar
E mesmo que de novo te vás
Sei que de novo voltarás.

Na imensidão deste mar
E sob a grandeza do céu
Pudera eu hoje velejar
No meu barco de papel...

PoeMÁRio 4 – Ana Martins, Inês Gancho, Maria Beatriz Bilo e Simão Rebocho, 11.º D

*Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe
E ao recuar te transformas
Como se o mar nada fosse,*

*Porque é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?*

Fernando Pessoa

Mar que tudo transformas.
Tudo, até os sentimentos...
Vai e demora a regressar,
Vai e leva os meus lamentos.

Contigo tudo arrastas e levas
Em movimentos p'ra a frente e p'ra trás,
Tudo... menos as minhas trevas...
Levas só o que me satisfaz.

Onda grande que pequena
Te transformas na outra margem
Vais e regressas de novo,
Vais e voltas na fresca aragem.

Onda pequena que recuas
E te transformas no ir
Leva p'ra longe a minha mágoa
Consente-me de novo rir.

Volta de novo e devolve-me
Meu contentamento descontente
Deixa-me ao menos sonhar
Que um dia hei de voltar a amar.

PoeMÁRIO 5 – André Grilo, Filipe Casquinha, Filipe Tojo, Guilherme Gusmão e Inês Oliveira, 11.º D

*Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe
E ao recuar te transformas
Como se o mar nada fosse,*

*Porque é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?*

Fernando Pessoa

Areia que, dispersa, voas
Livre até à mão que se aquece
Na duna onde também te abrigas
Como se o ar nada fosse.

Devias levar-me a mim
Contigo iria p'ra todo o lado.
E assim morreria por fim
Meu coração apaixonado.

Não aquele que bombeia o sangue,
Mas sim o que me faz sentir
O sal do mar que me consola
Quando ela decidiu partir.

O meu coração se parte
Em infinitos pedaços.
Amar deveria ser arte
E o amor não ocupar espaço.

Deixa-o lá no mar antigo.
Que fique aí eternamente,
Perdido no desconhecido
Onde minh'alma não se atormente!

Nada se escuta na noite
Apenas o rugido das ondas.
Meu pensamento vagabundo
Voa livre como uma pomba.

PRAIA GRANDE (PORTO COVO) – António Luís e Luís Sousa, 9.º F

A Praia Grande
É a que iremos abordar
Por ser elegante e por estar em frente ao mar.

Um café ela tem
Com gelados para te dar
Nos dias quentes do verão
Ele está lá para nos refrescar

Junto de uma arriba está situada
Com muitas rochas ao redor
Com gaivotas a voar
No extremo calor

A praia é muito calma
A água é fria e cristalina
Onde o sol brilha
Até queimar a retina

Quando o sol cai
É hora de sair
Pois a maré vai subir



SEM NOME – Natália Papa (professora)

Quem disse que o MAR é somente um elemento húmido?
Quem disse?

Aqui, na Terra Alentejana, o MAR também se faz de searas.
Searas que ondulam ao ritmo das brisas cálidas.
Tempestades de girassóis buscando o Sol.

- Ó Camponesa, de pele madura e tostada, que sulcas os campos, com tanto fervor!
Pareces o Pescador, queimado pelo sal, que lança as redes, olhando o mar, à procura da sua
abundância!
Os olhos da Camponesa refletem o infinito dos seus horizontes...
Os do Pescador são o espelho da água cujas fronteiras não existem...

Quem disse que o Sol se deita apenas quando mergulha no MAR?
Nos campos, lá ao fundo, o Sol também se apaga, num frenesim de laranja e amarelo.

SER FELIZ NO ALENTEJO –

António Vaz Sequeira, 9.º G

O Alentejo
É para mim um petisco,
Um grande pedaço de pão
Com queijo ou chouriço

É uma região
Recheada de caça,
Paz, felicidade
E também boa vinhaça

Ao lembrar-me do Alentejo,
Lembro-me de momentos felizes
De passear com meu pai
E caçar as minhas primeiras perdizes

Lembro-me de esperar à noite
Em longas e longas esperas
Os grandes javalis
Essas imponentes feras

O mar do Alentejo
É para mim o Alqueva,
Essa grande extensão de água
Mas não feita pela natureza

Com o Alentejo vem felicidade,
Petiscos, uns copos e caça
E é nesta felicidade toda
Que a minha alegre vida se passa

UM LUGAR MARAVILHOSO –

Inês Pombo, 8.º A

No Alentejo há calor,
Felicidade e diversão.
No verão pela fresca
Na rua podemos brincar
À apanhada até mais não.

O Alentejo é o Alentejo,
Como ele não há igual.
Não passa cá o rio Tejo,
Mas mesmo assim é fenomenal.

Há pessoas que pensam
Que o Alentejo não vale nada.
Mas estão muito enganadas,
Porque se vierem cá
Ficam muito entusiasmadas.

Em Évora é que eu gosto de viver,
Pois aqui há um pouco de tudo.
Corremos no campo ou na ecopista,
Visitamos monumentos
Belos que nos deixam mudos.

O Alentejo é visitado por turistas
E eles gostam de cá estar
Pois deliciosa comida e fresco pão
Nunca na mesa irão faltar.

Acho que ficaste com uma ideia
Deste lugar lindo, maravilhoso.
Vem visitá-lo para confirmar
E também ficarás orgulhoso.

VEM CONHECER O ALENTEJO –

[Voltar ao índice](#)

João Calçada, 9.º F

No Alentejo também há mar
Podes questionar
Mas vou-te mostrar
A Zambujeira do Mar

Aqui no Alentejo há muito calor
E isso para mim é um horror
Se não tivermos ar condicionado
Tudo fica mais dificultado

Se no Alentejo quiseres almoçar
Peixe não te vou aconselhar
Mas uma boa açorda
Vais adorar

No mar do Alentejo
Muitas naus navegaram
Na época dos Descobrimentos
Muitas terras conquistaram

Agora poderás ter aprendido
Que não podes duvidar
Que o Alentejo é terra para visitar



Branco Cardoso, Costa alentejana



DE VAGA EM VAGA HÁ UMA IDEIA NO MEIO DO OCEANO,
COM AMBIENTES DIFERENTES, E A nossa responsabilidade é proteger o que gostamos!



Trabalho orientado a distância com recurso a ferramentas digitais
3.º Período de 2020
Trabalho coletivo da turma 8.º D

CAPÍTULO III – TEMPESTADE



Dizem que o ser humano demora cerca de vinte e um dias e integrar uma nova rotina. Pois bem, eu levei 16 anos a acordar e a lembrar-me de abrir os estores, a janela e a deixar correr o ar. E como é bom! Principalmente nos dias em que o sol parece ter acordado de madrugada e nos desafia a ir ter com ele lá fora e a aproveitar o dia que nos traz.

Tenho certas dúvidas que o dia de hoje seja muito diferente do de ontem. Após estes 16 anos de luta contra rotinas, hoje não sei viver sem elas. Acordar, abrir a janelas, rezar, comer, voltar para cima e arranjar o corpo e a cama. Cansada ou não, de direta ou não, cara lavada e cabeça perfumada! Num ano normal, estaria a caminho da escola e talvez uns minutos atrasada, mas hoje as aulas são na secretária do meu quarto. São cinquenta minutos sentada e vinte de pausa. Aproveito a pausa para ir até à janela. Arejamos as duas: eu as ideias e ela o meu quarto.

Da minha janela vejo, em primeiro plano, uma fila de casas tais quais a minha. Por detrás dela, um rasto de memória dos romanos e as Murallas. Por fim, em terceiro plano, consigo ver os contornos da nossa bonita Sé.

Se olho para baixo, vejo a rua aos pés da janela. É calminha, característica de um bairro familiar, ainda para mais agora, em tempos de pandemia. A hora de ponta é o fim da tarde, com o trânsito composto pelas bicicletas dos miúdos que saem à rua para brincar. É curioso. Muitos lembram a sua infância com um desejo imenso de poder voltar, mas eu não. Foram anos felizes, sem dúvida alguma! Mas custa imaginar aprender tudo outra vez.

Contudo, a minha vista preferida é quando me sento e olho para cima. Vejo o céu: um nada que é tudo. É o chamado “centrar o coração no meio da confusão”, quando tudo parece correr mal, sentar-me ali é a cura para todos os males. Todo o som que possa incomodar é absolvido e eleva-se o cantar dos passarinhos que habitam nas enormes copas das árvores. E é com esta sensação de paz que me despeço do sol todos os dias! Assim como me despeço de todos agora, a caminho da cama, e com a esperança de amanhã acordar com a coragem do sol e me levantar de madrugada.

A CIDADE VISTA DA MINHA JANELA –

Inês Gancho, 11.º D

Lá fora está a minha cidade. A vida, a tristeza, as pessoas, as ruas, a noite, o dia... Enfim, a minha cidade. Não a consigo imaginar sem luz, alegria, som, movimento, pessoas, crianças a brincar...

Ao olhá-la da minha janela vejo um turbilhão de medo, de tristeza a pairar no ar e envolvendo tudo e todos. Não, não falo de uma cidade sem vida! Falo de uma cidade dormente que perdeu o seu encanto por causa de um mal que afetou tudo e todos. Um tal de Covid-19!!

Noutros tempos, lá fora, a alegria reinava com as ruas e praças cheias de gente, o barulho dos carros, as pessoas a movimentarem-se de um lado para o outro na agitação do dia a dia. A cidade imortal.

Da minha janela, vejo uma cidade ainda com história e magia. Pelo romper da manhã, escuto o canto dos passarinhos que procuram alimento e me encantam com o seu som. À noite, um céu enigmático e estrelado levando-me ao mundo dos sonhos.

Ao longe, uma mancha de cal que se perde de vista no horizonte, destacando a silhueta dos imponentes monumentos que tão bem caracterizam a minha cidade, o tão famoso Templo Romano e a Sé Catedral. Vejo uma cidade que parou no tempo, não acompanhando o desenvolvimento, apenas sobrevivendo do turismo.

Vejo a minha linda cidade.



Edward Hopper, Morning Sun

São 7h30 da manhã, sexta-feira. Acordei com o despertador, algo que raramente acontece. Se calhar pela motivação de já ser o último dia útil da semana. Abro o estore como todas as manhãs para saber se está chuva ou se está sol. Com tanto sono nem noto muito bem e vou para o banho a ver se acordo. Despacho-me, visto-me, deixo a cama por fazer e desço as escadas para ir tomar o pequeno-almoço. É nesses 5 minutos em que enfio uma colher cheia de cereais pela boca que penso no que tenho para fazer nesse dia. Pego na mota já atrasado, viro-a para o lado do portão e sigo para a escola com receio de que a professora de Filosofia me marque falta. No caminho encontro o Gusmão e fazemos a habitual “corrida” até à escola.

As ruas estão cheias, há trânsito em todas as saídas e todos querer despachar-se o mais rápido possível. Chegamos, sem muita pressa, e vamos para a aula.

Digo bom-dia à Madalena ainda como quem está quase a dormir e começo a ouvir o que a professora nos tem para dizer. Ou pelo menos uma parte.

Chega o intervalo e é a altura de ir ao bar, a abarrotar como sempre, e de conversar com praticamente a turma inteira e amigos de outras turmas. Vou acordando ao longo das aulas da manhã e dos intervalos, até que chega a hora do almoço. E é nessa altura que me começo a perguntar se marquei almoço ou se é se altura de pedir dinheiro ao meu pai para ir à pizzaria. Pelos vistos marquei, e lá vamos uns quantos ouvir o Sr. Jorge e a Dona Dulce a gritar na cantina.

De seguida vamos ao Pingo Doce buscar “mantimentos” para as aulas que faltam e num piscar de olhos o dia de aulas chega ao fim.

Vou para a explicação e mentalizo-me de que ainda tenho uma hora e meia de Matemática pela frente.

Hoje dia não tenho treino, porque há jogo no dia a seguir, mas decido dar um salto ao ginásio.

Chego a casa por volta das 20h, mesmo quando me liga o Pedro a perguntar se não quero ir beber umas “loiras” à cidade por volta das dez. Óbvio que aceito e lá se junta o nosso grupo todo a discutir se dali devemos ir para o Terraça ou para a Práxis. Acabamos por decidir não ir a nenhum porque achamos que não ia ser nada de jeito.

Lá vai o meu pai buscar-me, queixando-se que faço dele meu motorista. Vou para o meu quarto ver a minha série... Até que volto a acordar. Mas se mesmo agora ia dormir... Tudo não passou de um sonho!

Provavelmente pela vontade de voltar a ter de volta tudo o que tinha na minha vida. Enquanto dantes via tudo através das janelas dos meus olhos, agora estes só veem a vista da janela do meu quarto. Ou da sala, que é onde também costume estar. Às vezes lá vou saindo para ir correr com um ou outro amigo sem podermos ser mais. A mota já quase tem teias de aranha de tão pouco a usar, apenas a tirei três ou quatro vezes durante a quarentena. Para quem não parava um segundo em casa, custa não poder sair. Não poder sair com os amigos e com a namorada, que era o que mais gostava. Não poder passear com a família nem ver os avós. Algo que nem um milímetro tem conseguiu-nos tirar a nossa vida normal. E a alguns tirou mesmo a vida. Se dantes me queixava de ter a rotina cansativa que tinha, neste momento não peço outra coisa senão isso: voltar a ver a minha cidade cheia de vida e de pessoas. Aquilo que achámos ter como garantido afinal não é assim tão garantido e quando as coisas voltarem ao normal vai-nos fazer aproveitar a vida como se não houvesse amanhã. Até porque este vírus mostrou-nos que pode mesmo não haver.

CIDADE-FANTASMA – Marta Rosa, 11.º D

Já todos, com certeza, ouvimos falar de "cidades-fantasma" em filmes, livros, ou até mesmo na vida real, devido a acidentes nucleares, por exemplo. Mas viver numa? Impossível! Como viver numa cidade onde, por definição, não vive ninguém? Contudo, durante as primeiras semanas de confinamento obrigatório, por todo o mundo se ouviu falar de "cidades-fantasma". Cidades aparentemente abandonadas, mas, no fundo, cheias de vida dentro dos pequenos mundos de cada um, que são as nossas casas.

Estas primeiras semanas até foram relativamente fáceis de aguentar: levantamo-nos tarde, vemos filmes e séries, jogamos sem limites, fazemos da cozinha um laboratório gastronómico, limpamos aquele roupeiro que há muito pedia para ser limpo...

Infelizmente, o tempo passa e as ideias começam a faltar, a nossa casa antes acolhedora, torna-se agora claustrofóbica, o entusiasmo inicial começa a evaporar-se e a paciência esgota-se, até para aguentar as particularidades dos que mais amamos, e com os quais partilhamos o que, a princípio, nos parecia um palácio e que agora não passa de um armário de vassouras!

Assim, nasce o desejo de sair, de abrir a janela e gritar, de calçar os ténis, pôr os phones e sair a correr, sem saber bem para onde ir. Mas com uma certeza: o passeio será longo.

Resumindo, a cidade começa a libertar-se das amarras e a querer viver como deve ser. Dando importância ao que realmente importa. E amando o que realmente deve ser amado.



São 9 horas da manhã e o despertador toca, o que me causa uma grande irritação pois desejo continuar a dormir, mas tenho de começar o dia. Levanto-me da cama e vou abrir o estore do meu quarto para o iluminar e deparo-me com um dia um pouco cinzento.

Infelizmente estou em casa e não tenciono sair, pois o meu país e o resto do mundo estão a atravessar uma pandemia e devido a este problema as pessoas são convidadas a ficar em casa de quarentena para não serem contagiadas, o que faz com que o meu contacto com o a minha cidade seja apenas através do retângulo que é a minha janela.

Abro a janela e sinto uma brisa gelada de primavera que me percorre a cara ainda ensonada. Observo a minha rua onde o silêncio reina, apenas se ouvindo os passarinhos a cantar. Vejo uma mulher a atravessar a rua. Leva na mão um saco de compras, mas não consigo dizer se conheço a mulher, pois a máscara que lhe cobre a cara não me permite fazê-lo. Olho para o céu coberto de nuvens cinzentas e penso que irá chover a qualquer momento, o que não me traz um grande desespero, pois não desgosto de um bom dia de chuva. Claro que adoro um dia soalheiro com um céu azul, mas de vez em quando é necessário um bom dia de chuva. Aliás, na minha opinião, um dia chuvoso só é deprimente para quem não quer ver a cor.

É muito triste não poder sair à rua, talvez neste momento estivesse na Praça do Giraldo, numa esplanada a beber um sumo de laranja natural e a comer um bolo de arroz, a aproveitar o domingo com uma boa companhia a contar uma história engraçada e a apreciar a confusão à minha volta. Um pensamento muito tentador que vai ter de ficar apenas no pensamento.

E desço à realidade da minha janela, onde apenas me posso contentar com a vista para um jardim deserto e uma escola sem crianças a brincarem e a correrem por todo o lado. Cai-me uma pinga mesmo no nariz e percebo que está a começar a chover e fecho a janela para não me molhar. Agora, para além de estar limitada pelo retângulo que é a minha janela, estou separada do ar de primavera e das gotas de água por um vidro que mais me parece umas grades.

Chego à conclusão, ao observar a minha rua deserta, de que a cidade está adormecida sem a habitual algazarra que as pessoas fazem no dia a dia. Claro que a cidade de certa forma agradece por um bom descanso da habitual confusão. Mas chega um momento em que é necessário acordar a cidade e espero que esse momento chegue depressa, porque as pessoas precisam da cidade e a cidade precisa das pessoas. Este isolamento está a fazer com que possa olhar para as coisas de uma maneira diferente. Estou a aprender a dar valor às pequenas coisas que a vida dá e que nos podem parecer insignificantes à primeira vista, mas se olharmos com atenção são esses momentos que fazem com que a vida seja mais bonita.



COMO VEJO O MUNDO DA MINHA JANELA? UMA GRAÇA? UMA DESGRAÇA? -

Rita Consolado, 11.º D

Tenho o privilégio de conhecer duas realidades distintas, uma citadina e uma rural. Infelizmente, devido às situações atuais, não vejo a vista da janela da minha avó há cerca de um mês e dez dias, o que quer dizer que não vejo os carros a passarem de três em três segundos, que não abraço os meus avós, que não oiço os vizinhos a dizerem «boa tarde» sempre que me veem, que não sinto na face o cheiro das laranjas... E tudo devido a um vírus que, pensando bem, não trouxe só pontos negativos para as nossas vidas.

A vista da minha janela é completamente diferente.

Todos os dias acordo a ouvir os pássaros a cantar, o vento a bater contra os ramos das árvores, pessoas a caminhar. Uma das coisas de que mais sinto saudades é a falta de agitação. Sim, porque morar numa aldeia também é agitado, porém de maneira diferente. Os cafés encerraram e nas mercearias só pode entrar uma pessoa de cada vez, o que quer dizer que já não há o convívio matinal onde as pessoas se encontram e «cusavam» sobre a vida dos outros. Sim, porque morar numa aldeia tem disto, toda a gente se conhece e as notícias correm demasiado depressa. Os bancos onde costumam sentar-se os mais velhos, passando tardadas a falar, agora estão vazios.

Assim como as cidades se encontram desalmadas, a aldeia encontra-se desalmada.

Hoje, dia 1 de maio, o Dia do Trabalhador, temos como tradição: realizar uma caminhada, onde toda a aldeia se costuma juntar por volta das 9:00 da manhã... e lá vamos nós. Por volta das 13:00 da tarde termina a caminhada, mas não termina o convívio. Reunimo-nos todas no ringue da aldeia e almoçamos todos juntos. Porém, hoje, dia 1 de maio de 2020, isso não se realizou, pois caminhar na cidade deixou de ser possível e caminhar na aldeia também o deixou de ser.

Resta-nos agora escutar o silêncio rural. Um silêncio que acaba por não ser silêncio, ouvem-se os animais a toda a hora. Os sons dos animais são comparáveis com aquilo que devemos fazer, o mundo encontra-se parado,

aprisionado, mas temos que dar sons a esse silêncio, e a forma mais perfeita de o fazermos é tornamo-nos úteis para nós próprios, combatendo o medo e reforçando a esperança de que tudo ficará bem, basicamente o que temos de fazer é aprendermos algo de bom com ele. Ele quer derrotar-nos, mas nós é que o vamos derrotar.

Mas como é que o podemos derrotar?

A resposta para esta pergunta é clara, assim como as águas se encontram agora devido aos baixos níveis de poluição. O que devemos fazer é transformar o nosso enclausuramento em algo criativo, como ter tempo, por exemplo, para nós, tempo para a nossa família, para fazermos exercício, para cuidarmos da nossa pele, para fazermos planos em família.

Mais das coisas que podemos fazer é preocuparmo-nos mais com o ambiente e menos com o futuro da economia, algo que muitos governantes não estão a fazer, devido à ganância.

Na sequência das preocupações ambientais, lembrei-me de outro fator benéfico que o vírus proporcionou: oportunidades à mãe natureza, algo que não acontecia devido às ações humana; por exemplo, nos canais de Veneza parece que se vislumbram ganços, algo que não acontecia há muito.

O vírus veio alterar a nossa realidade. O trânsito diminuiu drasticamente, a agitação as 13:10 desapareceu, a agitação as 3:00 da manhã também desapareceu, deixou-se de ir à escola, deixou-se de poder sair à noite, deixou-se de produzir tanto, cada vez as prateleiras dos supermercados se encontram mais vazias, o mundo adormeceu, como se nos encontrássemos num apocalipse zombie.

Em aditamento, a fé na religião que professamos é um fator bastante importante para acreditarmos que tudo ficará bem. Ao vaguear pela minha aldeia muitas são as portas com mensagens de esperança, especialmente as portas onde habitam pessoas mais velhas, que espiritualmente têm um grande poder e uma grande sabedoria.

Termino com uma mensagem para quem ler este texto: tornou-se impossível caminhar nas cidades, mas os caminhos continuam livres nas nossas mentes.

Uma cidade vista de uma janela pode não ser percecionada da forma que ela realmente é, pelo menos fisicamente e como um todo.

Da minha janela é-me possível observar diversas coisas, mas que não são de todo suficientes para descrever a cidade que se encontra nas minhas costas. Aquilo que vejo, fisicamente, sei que não é nem metade da cidade onde moro, e fazer um retrato da minha cidade vista da minha janela não se pode resumir apenas àquilo que vejo perante os meus olhos, mas resume-se também àquilo que vejo quando, ao estar à minha janela, fecho os olhos e imagino a cidade que existe atrás de mim.

Da minha janela consigo visualizar, em termos físicos, casas, campo, carros... Para a direita uma rua cheia de casas bastante semelhantes e para a frente uma estrada de pedra apenas com casas do lado esquerdo, todas muito diferentes, e do lado direito um enorme prado, agora, verdejante.

Mas, ao fechar os olhos, além disto, vejo uma enorme cidade atrás de minha casa, cidade esta que sempre foi bastante agitada, mas que, neste momento, se encontra parada devido à situação pandémica que o mundo atravessa.

A minha cidade é a mesma, tal como a minha rua, está tudo no sítio do costume, exceto as pessoas... Há cerca de dois meses, aos fins-de-semana, ia à minha janela ouvir a natureza, observar o que se passava ou simplesmente apanhar ar e, a menos que estivesse a chover, a minha rua encontrava-se, na maioria das vezes, com um certo movimento. Agora, isso já não acontece mais, vou à janela apenas para apanhar ar e ouvir a natureza, sendo que agora já não o posso fazer de outra forma senão da minha janela do quarto. E as pessoas? As pessoas que habitualmente passavam aqui agora estão fechadas em casa, tal como eu. O mesmo ocorre em toda a cidade e tal é perceptível simplesmente pela ausência de ruído dos carros, das pessoas...

E enquanto vejo, na minha cabeça, mantendo os olhos fechados, esta cidade maravilhosa a atravessar esta situação, perco-me nos meus pensamentos e desejo que quando voltar a abrir os olhos o retrato da minha cidade vista da minha janela seja outro, seja o do costume, aquele a que estava habituada...

É sexta-feira, dia 1 de maio de 2020, em plena pandemia da Covid-19 e como sempre é feriado, uma vez que se celebra o Dia do Trabalhador. Ser feriado é sinónimo de deitar tarde e acordar ainda o mais tarde possível. No entanto, contra todas as expectativas, às 8 e meia da manhã já me encontrava acordado, pronto a adiantar trabalho para a semana que se avizinha difícil (como sempre) mas hoje há algo que enaltece mais ainda a minha vontade de acordar do que nos outros dias: um direto no Instagram intitulado “Economia vs Gestão”.

Em plena reta final do 11.º primeiro ano, com os exames a baterem à porta, ainda não está presente na minha cabeça o curso que me vai “entretêr” durante mais ou menos 4/5 e tudo indica que este direto apenas traga vantagens. Aqui, só ainda experienciei algo semelhante a este “confronto” entre as duas disciplinas, que foi uma visita à universidade. No entanto, apenas fiquei a conhecer o lado da economia, que se comporta como um “inimigo” da gestão dentro dos estabelecimentos educacionais. Saber como se leciona nas melhores universidades do país também deve ser tido em conta. Para além deste direto, delineei um plano para que possa evitar o trabalho de um fim de semana que podia ser de uns bons três dias para passar para um dia e meio, uma vez que nunca chegamos a aproveitar o sábado de manhã e o final de domingo já é vivido a pensar na semana que aí vem. Mas hoje, para além de estudar e planear, também me interessa bastante exercitar. Uma vez que as medidas de confinamento estão prestes a ser aligeiradas, resta-me preparar-me para quando as nossas vidas voltarem minimamente à normalidade. Decido então correr pela Ecopista, onde, embora vivamos a situação atual, continua a haver muita gente que não desiste de querer ficar em boa forma.

No decorrer da minha corrida, vou ouvindo rádio, mas hoje decidi ouvir uma rádio mais local, a Rádio Sim. É bastante diferente das restantes que oiço, começando nas músicas e acabando na forma dos interlocutores interagirem com os ouvintes e a proximidade até no modo de interagir. Já em casa, enquanto realizo uma bateria de exercícios, consigo ver o ponto mais alto da cidade de Évora, a Sé, que hoje parece estar triste, um pouco à imagem de todo o mundo com a situação atual. No entanto, resta-nos a todos continuar na “luta” sem medo do “bicho”, com a certeza de que melhores dias virão.

Quando surgiram as primeiras notícias sobre um novo vírus, tenho de admitir que não dei a devida importância ao assunto. Os problemas de tão longe nunca me iriam afetar, são problemas dos outros, pensava eu na minha inocência. Contudo, “os problemas dos outros” começaram a crescer e rapidamente se tornaram meus problemas também.

Desde há cerca de dois meses que a cidade que eu vejo da minha janela é outra. A constante azáfama que contrastava com o passo calmo dos que por lá passeavam desapareceu. Hoje apenas vejo uma cidade vazia e entregue a si própria.

É de certa forma impressionante como algo invisível, que para mim começou como “os problemas dos outros”, tem hoje consequências visíveis da minha própria janela. Não são notícias que vejo na televisão ou fotos que vejo nas redes sociais, é algo que qualquer um pode ver por si próprio, apenas olhando pela janela.

Tivemos todos de adaptar as nossas rotinas e de nos ocupar com o que fosse possível. Pessoalmente, as aulas online, séries, filmes, livros, televisão, exercício, etc. têm sido suficientes para preencher o meu tempo, apesar de não me fazerem sentir muito produtivo.

Espero ansiosamente o tão falado desconfinamento que já não parece estar tão longe. Já se ouve falar nas notícias que daqui a umas semanas os alunos dos 11.º e 12.º ano irão voltar a ter algumas aulas presenciais. É uma notícia que recebo com agrado, pois neste momento pensar em sair de casa é, mais do que nunca, um motivo de felicidade.

Por fim, gostava de lembrar que não vale a pena ficarmos aborrecidos por coisas que não podemos controlar e que, apesar de todo o mal que possa acontecer, devemos retirar sempre algo de positivo de todas as situações.

Devido ao excesso de tempo que passo em quase todas as divisões da minha casa, já sei de cor como são as vistas de cada janela. Porém, não há beleza igual à vista do meu quarto. Já passou a ser mais do que simplesmente uma vista de “passagem”, que via uma ou duas vezes por dia. Agora é a vista que vejo desde que acordo até ir dormir e, depois de 46 dias fechada em casa, começo a olhar com outros olhos para o mundo que me rodeia em vez de ficar o dia todo a pensar quão bom seria estar com os meus amigos num sítio com uma vista tão ou mais bonita do que esta.

Começo a dar mais valor ao que me foi dado sem que eu me tivesse apercebido. Acho que nada acontece por acaso, e a crise que estamos a viver, designada de Covid 19, é também uma oportunidade de ganharmos uma nova consciência para que, quando isto for tudo superado, consigamos criar outras formas de (com)vivência na cidade, como disse, Carlos Fortuna, professor na Faculdade de Economia, no texto que escreveu, A Cidade Desalmada.

Poder ver esta vista todos os dias, sentir a brisa da natureza e ouvir o palrar dos pássaros fazem-me sentir que não estou a viver numa cidade. Não estou repleta da agitação das pessoas, consigo sentir a calma da natureza e o que há de bom no mundo. Apercebo-me de que toda a gente está sempre de um lado para o outro, sem tempo para nada, esquecendo-se de parar um segundo e realmente viver o momento. Vivemos numa sociedade tão preocupada com o futuro que a maioria das pessoas se esquece de viver o presente.

É surpreendente a diversidade de “cidades” que conseguimos ver a partir de cada janela, mesmo estando na mesma cidade. E eu diria que a “minha cidade” transmite calma e inunda de verde. Graças ao facto de estar virada para Sul, dá-me a possibilidade de ver desde o primeiro raio de sol até ao último de cada dia. Uma das coisas que mais gosto de fazer todos os dias é ir para o terraço e simplesmente ouvir a natureza e os animais e disfrutar da vista enquanto vejo o pôr-do-sol, sem ter de me preocupar com mais nada.

Espero que um dia venha a ter uma casa com uma vista tão ou mais bela do que esta.



JÁ ESTOU FARTA DA MINHA CIDADE VIS- TA DA MINHA JANELA

– Mariana Marques, 11.º D

[Voltar ao índice](#)

Acordo e a primeira coisa que faço, como todos os dias, é ir à casa de banho e lavar a cara para, de seguida, abrir todas as janelas da minha casa. A luz do dia a invadir-me a casa sempre foi algo que me fascinou. A parte mais triste do meu dia é quando o sol se põe e tenho de gastar eletricidade e ligar as lâmpadas espalhadas pela casa. O problema não é o dinheiro que se gasta: é que a luz artificial não tem tanta magia e não nos proporciona tanta alegria. Sinto-me assim nos dias em que o céu está cheio de nuvens que não me deixam aproveitar a tão desejada luz solar.

Hoje está um dia bonito e o único desejo que tenho é poder aproveitá-lo com os meus amigos.

Mas não posso.

Vivemos tempos difíceis que nos obrigam ao confinamento, o que me tem aborrecido imenso nos últimos dias. Dou por mim a pensar em coisas do nosso dia-a-dia que não costumava pensar. Se pensasse era naqueles minutos que passava sentada no sofá à espera que a minha mãe me chamasse para jantar. Falo neste assunto como se tivesse acontecido num ano longínquo, mas não, começou tudo há dois meses, se tanto. O que a nossa vida pode mudar em apenas dois meses...

Até agora, nunca me tinha apercebido no quão confortável é um abraço, um toque ou uma simples conversa cara a cara e decerto que não sou

a única pessoa a pensar assim.

Dou por mim num tempo longínquo e os minutos de espera para o jantar tornaram-se em dias e o jantar que está a ser preparado serve na minha mente para reunir a família e os amigos ausentes de quem tanto sinto a falta nos meus dias presentes. Uma simples ação que passava despercebida no nosso quotidiano hoje é aquela a que agora damos mais importância...

É o caso do simples ato de, por exemplo, abrir a janela e observarmos a nossa cidade.

Com certeza que cada um de nós tem uma divisão da casa preferida para estar nesta quarentena, a minha divisão preferida é a sala de estar. E a melhor parte de lá estar é a quantidade de luz que entra em casa para alegrar estes dias tão solitários que tenho passado.

Hoje, acordei e olhei pela minha janela. Vi um rapaz a andar de bicicleta e um cão a ser passeado pela sua dona. E é assim que podemos retratar não só a cidade em que vivemos, mas também o resto do mundo, algo que de uma imensa confusão passou a um deserto calmo. E isso é reconfortante, saber que cada um está a fazer a sua parte para que tudo fique bem o mais rápido possível.

E espero que assim seja, pois, por mais que goste da minha janela, já estou farta da mesma vista todos os dias.

Estamos em 2020 e deparamo-nos com algo que a maioria de nós nunca presenciou, uma pandemia. Esta pandemia obrigou a maioria da população do mundo a ficar em casa, por tempo indeterminado, e a sair apenas caso fosse necessário ou para apanhar um pouco de ar. A regra principal era manter um distanciamento de todas as outras pessoas (isolamento social).

Vou abordar o meu caso específico, descrever como têm sido ver as minhas rotinas nestes tempos atuais.

Tenho a sorte de viver num bairro na periferia da cidade, onde predomina o campo e tenho uma vista lindíssima da minha cidade, Évora. Como estou fechada em casa, tento ao máximo arranjar coisas para me distrair e não só ficar 24 horas agarrada ao computador, a ver séries ou filmes, ou ao telemóvel, nas redes sociais, apesar de às vezes ficar sem ideias e me render a estas atividades. Dediquei-me a ajudar mais a minha família cá em casa, com as refeições e a arrumar a casa, e sinto que ao ajudarmo-nos todos mutuamente tudo se faz mais rápido. Também costumo ler, tocar guitarra, pintar e fazer exercício físico, porque confesso que sou uma pessoa com muita energia então tenho de arranjar forma de a “deitar cá para fora”.

Durante o primeiro mês do isolamento social não saí mesmo de casa. A única visão que tinha do exterior era a paisagem que tenho diante a minha porta de casa, da minha cidade, à qual, no final da tarde, o pôr do sol acentuava a silhueta. Nos dias seguintes é que comecei a sentir necessidade de ir à rua apanhar um pouco de sol, tinha de aproveitar o facto de viver num local onde posso manter com facilidade o distanciamento, então comecei a ir caminhar e andar de bicicleta.

Ir passear à cidade com a minha família, todos os fins de semana, era a minha rotina antes de tudo isto, porque cá em casa ninguém gosta de ficar em casa fechado mais de 12 horas. Também costumava ir sair com os meus amigos à tarde, quer fosse para conversar ou para estudar numa esplanada, sabia sempre bem sair de casa e ver caras novas. Mas tudo isto teve de terminar...antes a cidade estava a 3 quilómetros e agora parece que está a 100.

Apesar de tudo, tem sido bom passar mais tempo não só com a minha família, mas também comigo mesma, sinto que me ajudou a conhecer-me melhor.

Concluindo, apesar de ser uma situação aborrecida, a cidade nunca vai sair do mesmo sítio e, quando tudo voltar completamente ao normal, vou poder voltar a ir lá e a desfrutar de cada canto e de cada detalhe dela. Por enquanto, contento-me com a agradável paisagem que ela me proporciona.

NOVAS ROTINAS 2 – João Madeira, 11.º D

Acordo numa terça-feira, ou será um domingo? A diferença é pouca, pois todos os dias parecem iguais. Acordo, tomo o pequeno-almoço, ligo o computador e com os auscultadores oiço e assisto as aulas online. Parece que não têm fim, ouvir um professor através de um computador é extremamente esgotante.

As aulas presenciais foram só mais umas das várias coisas que a pandemia de Covid-19 nos tirou. Poucas lojas e comércios estão abertos. É impossível praticar desportos coletivos, já não consigo praticar o desporto de que tanto gosto. Sair com os amigos não é uma opção, não sabemos quem transmite o vírus e também não queremos por ninguém em perigo. Não vejo os meus avós há cerca de dois meses, foi a primeira vez em muitos anos que eu não estou com o meu avô no dia do seu aniversário.

As ruas da cidade estão vazias durante praticamente todo o dia, mas por volta das 18 horas a ecopista enche-se de pessoas, parece ser o novo centro da cidade. Nunca antes tinha visto tantas pessoas na ecopista, parece que agora todos aderiram ao desporto, pois é a única forma de sairmos de casa e podermos espaiar da vida sedentária que agora forçadamente vivemos. Eu próprio também aderi, é uma maneira de me manter em forma e preparar-me para a próxima época. O exercício, a PS4 e o Netflix são as únicas coisas que me fazem aguentar o confinamento.

No entanto, esta semana foi anunciado o fim do estado de emergência. Os pequenos comércios vão reabrir e já se veem mais pessoas na rua, praticamente todas elas usam máscara. A cidade e o mundo estão a voltar ao normal, mas as nossas rotinas irão manter-se, pois não podemos descansar já.

O ANTES E O DEPOIS 1 – Helena Vornicescu, 11.º D

Da minha janela, eu observo uma pequenina parte do lado de dentro das muralhas de Évora. O que eu via antes não é nem o que vejo agora, nem o que vi nestes últimos dois meses. Agora vejo algo que não estava habituada a ver. Nestes dois meses vi as ruas a serem abandonadas, devido ao estado de emergência que estamos a viver agora.

Há pouco tempo ouvia e via os vizinhos a falarem nas ruas estreitas e nas travessas que rodeiam o nosso famoso centro histórico. Via e ouvia, também, os veículos a passar, uns mais rápidos do que outros, uns para estacionar, o que era complicado nesta zona, e outros para seguir viagem ou cortar caminho. Via da minha janela, mas também com eles me cruzava, os vários turistas que ficavam hospedados no hotel saindo de um autocarro que parecia estar sempre no meio da rua e sempre presente; todos os dias novos turistas chegavam.

E agora? Ouço e vejo uma parte pequenina do vazio que invadiu Portugal. Ao mesmo tempo, vejo o jardim em frente a ganhar mais importância, como, por exemplo, para os vizinhos que se vão sentar e respirar ar fresco ou ler ou que vão passear os animais. A pouco e pouco vamos voltando ao “normal”. Sabemos que o “normal” vai chegar mais tarde, provavelmente apenas em 2021, mas temos de cumprir as regras, para ter uma vida mais parecida ao nosso “normal”, e contribuir para que chegue mais rápido.

Acho que nunca pensei sentir falta do barulho dos vários carros e dos vários vizinhos a falar e a andar pelas ruas, mas a verdade é que tudo isso que era me faz muita falta!



Évora era uma cidade que aparentava ser sempre sociável devido a diversos fatores. Habitualmente e durante todo o ano muitos turistas percorriam as suas ruas, o que a fazia dela uma cidade razoavelmente movimentada. A sua pequena dimensão era fator de atração, tornando-a numa cidade de fácil acesso e mais aberta a convívios.

Todo esse brilho que aparentava ser a alma da cidade foi-nos tirado num piscar de olhos, quando nos chegou a notícia daquilo que viria a ser o fim de uma rotina indispensável. A covid-19 atacou, espalhando-se por todo o mundo, chegando também a Portugal e espalhando o medo por todos os habitantes.

Andar na rua já não parece normal. Um simples tossir pode tirar a dignidade de uma pessoa em menos de segundos, sendo julgada e sentida como uma ameaça. Todos aqueles olhares de arrogância e preconceito são suficientes para uma pessoa não querer mais sair de casa, com medo de ser um alvo de olhares desconfiados dos seus concidadãos. Ver as pessoas com máscara já se tornou habitual. Afinal, a pandemia mascarou o mundo todo sem ser Carnaval e obrigou toda a gente a mostrar-se ao mundo de outras formas.

A minha vista da minha janela nos últimos meses não tem sido muito agradável, mas é possível que melhore se todas as novas regras sociais forem seguidas e respeitadas.



Posso começar por dizer que a partir da janela do meu quarto consigo observar ovelhas, árvores e, a uma longa distância, algumas casas típicas de vila. E o que quero eu dizer com “casas típicas de vila”? Para mim são aquelas casas pequenas com rodapé, geralmente amarelo, portas e paredes antigas... No fundo, casas aconchegadoras e tradicionais!

Parece simples aquilo que vejo da minha janela, é apenas o que provavelmente todas as pessoas que vivem em aldeias ou vilas observam das suas. No entanto, o que vemos da janela tem um grande significado, basta saber explorá-lo, tal como eu fiz. Sentei-me na minha secretária, abri a janela e durante cinco minutos observei os pormenores mais insignificantes que se mantinham na minha paisagem. Consegui apreciar a beleza que é viver no campo e ao mesmo tempo invejar quem tem a sorte de viver na cidade.

O modo de viver no campo é bastante distinto do modo de viver na cidade. Sei disso pois, ao longo de um ano, consigo ter ambos os modos de vida. Durante o ano letivo, a minha vida é praticamente na cidade, é raro quando estou em casa, só cá venho para dormir e para passar alguns fins de semana. No entanto, durante as férias, especialmente as de verão, sou uma pessoa completamente ligada à minha casa e à vila onde vivo. Raramente vou à cidade e admito que nessas alturas não sinto qualquer tipo de saudades desse outro modo de vida.

Por esta altura, se fosse um ano normal, estaria mais ligada à cidade, pois estaria a ter aulas e atividades lá. Porém, este é um ano um pouco diferente, começou uma pandemia que nos prendeu a todos em casa, e isso tem feito com que cada vez goste mais de viver no campo, e em particular nesta bela vila. Nem todos sabem quão bom é andar uns metros e tudo à volta ser do campo, ou andar um quilómetro e ter uma barragem onde me posso refrescar. Posso caminhar pelo campo, ouvir a natureza e por mais que ande não me canso do que está à minha volta.

Se calhar, quem vive na cidade vê da sua janela muitas mais coisas. Mas, para mim, aquilo que vejo da minha janela é mais do que suficiente para passar horas sentada apenas a observar todos os pormenores belos que esta vila nos oferece!

No meu quarto neste preciso momento, observo pela minha janela e tenho a perceção de um clima de paz que invade tudo o que vejo. Esse é o sentimento que a imagem que observo me transmite, embora o que esteja realmente a acontecer na minha cidade e em todas as outras seja completamente o oposto disso.

Nunca eu nem os meus familiares e amigos vivemos isto, nunca tínhamos sentido o que era uma pandemia. Não é o que eu observo pela minha janela, mas sei que é o que realmente está a acontecer e que não é de todo esse clima calmo e sereno. As pessoas andam preocupadas e cansadas com tudo o que ouvem, com tudo o que vem nas televisões e saberem que amanhã será dia para ir ao supermercado é um tormento.

O que vejo são ruas desertas, o que por um lado é bom porque neste caso estamos todos a cumprir o isolamento, mas por outro lado é mau porque essas ruas desertas significam que na verdade estamos longe das pessoas de que mais gostamos.

Mas quero acreditar que tudo tem o seu propósito. E tenho a certeza de que não seremos as mesmas pessoas que éramos antes desta pandemia: aproveitaremos muito mais a vida e acabaremos com as desculpas que dávamos quando não queríamos ir a algum sítio.



RETRATO DA MINHA ALDEIA VISTA DA MINHA JANELA – Filipe Casquinha, 11.º D

Como podemos observar, a situação do nosso país atualmente não é a melhor e nestes tempos difíceis que estamos a viver devido a esta pandemia damos por nós a dar importância a coisas que outrora eram banais, como por exemplo o ar puro, os amigos, a escola e a brisa do vento, que não estão a nosso alcance neste momento devido ao nosso isolamento social.

Ao olhar pela minha janela, posso afirmar que as ruas estão diferentes, estão mais vazias e mais melancólicas, e que a sociedade transmite sentimentos de insegurança e de limitação.

Antes desta pandemia fazia o meu quotidiano normalmente e era, de certa forma, livre. Mas com esta situação toda comecei a valorizar mais as pessoas e as atividades que fazia. Hoje está tudo diferente e estou preso em casa por um tempo sem limite fixo. Admito que sou um pouco mais feliz do que os meus colegas que vivem na grande cidade de Évora – que por sinal tem mais população e mais chances de propagação do vírus – pois eu vivo numa pequena vila e por isso sair à rua para descontrair ou fazer as atividades não é um problema. Posso desfrutar da natureza e das suas coisas mais belas e, ao olhar pela “janela” em sentido figurado, vejo um mundo completamente oprimido e receoso, mas também vejo a natureza, a fauna e a flora a rejuvenescerem devido à paragem das ações destrutivas do homem.

Concluindo, no meu caso, o retrato da minha aldeia (Aguiar) visto da minha janela não mudou significativamente. Como aqui é tudo mais calmo e simples, as pessoas conseguem sair às ruas e fazer as suas vidas com mais tranquilidade. A quarentena fez com que muitas pessoas dessem valor a coisas simples, mas muito importantes.

RETRATO DA MINHA VILA VISTA DA MINHA JANELA –

Raquel Madeira, 11.º D

Acabei de acordar. São exatamente 8h35 da manhã e o dia hoje está lindo, o céu está limpo e o sol brilha.

Infelizmente a vida durante a quarentena não tem sido fácil e eu não tenho conseguido apreciá-la. Entre as horas em frente ao computador a ter aulas e a fazer trabalhos pouco tempo sobra.

Neste texto decidi falar-vos um pouco da minha vila, Arraiolos, apesar de eu não a conseguir ver muito bem por causa de um moinho que a tapa parcialmente.

Arraiolos é uma vila portuguesa situada no Distrito de Évora que tinha 3 386 habitantes em 2012. Muitos turistas visitam Arraiolos durante o ano pois aqui eles podem provar a famosa empada de Arraiolos, visitar o Castelo ou o CITA (Centro Interpretativo Do Tapete). Acho que vou focar-me apenas no Castelo e no CITA porque para conhecer a empada o melhor remédio é mesmo vir experimentar-la!

O Castelo de Arraiolos destaca-se dos outros pela sua arquitetura circular que é uma das poucas existentes no mundo- Tem como período auge para a sua construção o reinado

de D. Dinis, por volta de 1310, sendo doado a D. Nuno Álvares Pereira, em 1387, que também recebeu o título de Conde de Arraiolos. No reinado de D. João IV, em plena época da Restauração da Independência, o castelo foi remodelado, mas algumas décadas depois estava ao abandono e o terramoto de 1755 completou a ruína que já apresentava.

Encontramos também em Arraiolos uma grande herança de tapetes, daí ter sido construído o CITA para que as pessoas pudessem informar-se de toda esta história e ver alguns exemplos que lá podemos encontrar. O CITA é um espaço museológico permanente e ao serviço da comunidade, que tem como missão promover o estudo e a divulgação do Tapete de Arraiolos, assim como a sua conservação, proteção, valorização e reconhecimento enquanto património histórico, artístico e etnográfico, tanto na sua vertente material como imaterial.

Gosto de morar aqui! Aqui não há trânsito, não há poluição sonora (a não ser que considere as ovelhas do meu vizinho) e, para além disto tudo, há campo. Este campo traz-me bons passeios ao fim de semana, traz-me ar puro e traz-me tardes muito bem passadas só a conversar com os meus amigos.

Gosto do que vejo, quando olho a minha vila pela janela.



UMA CIDADE MELHOR – Marcelo Alves Jr., 11.º D

As muralhas que dantes nos diferenciavam de outras cidades são agora comuns a todas as cidades do mundo, criadas como proteção à Covid-19. Voltaram a delimitar-nos a cidade e tudo para além delas nos parece ser uma ameaça à nossa vida.

Embora já tenhamos mais liberdades, as ruas permanecem vazias, solitárias. Os dias e as noites já não se diferenciam. Vivemos de forma solitária, confinados em casa. Já não se frequentam os bares, os jardins, as escolas ou os cafés.

A Covid-19 trouxe-nos sofrimento, forçou-nos a abandonar a vida que levávamos, mas também nos uniu a todos, tornou-nos mais solidários, valorizamos mais a vida e o contacto social. Veem-se mais pessoas a exercitarem-se, seja a correrem à volta das muralhas, seja a assistirem a treinos em casa, e a ajudarem-se nestes tempos difíceis. Vê-se uma cidade mais unida, mais “verde” e mais solidária.

A cidade que antes via não será a cidade que irei ver no fim desta pandemia. Cometemos diversos erros e não os podemos repetir. Os fundamentos passados não poderão ser os futuros.

Vejo pela minha janela, para além de uma rua e lojas, pessoas mais unidas, mais conscientes, mais solidárias e mais ecológicas. Vejo, com isto, uma cidade melhor.

Para cuidar do ambiente precisamos de ser responsáveis !



VISTA DA MINHA JANELA – Maria Cruz, 11.º D

Uma vez que vivo no Alentejo, mais propriamente em Évora, tenho a sorte de no meu dia a dia contemplar paisagens incríveis, a partir da janela da minha casa. Como moro no campo, tenho o privilégio de ter a vista de uma paisagem bastante ampla e uma vista incrível da minha cidade, assim como do campo.

Da minha janela consigo ver um casario de diferente composição: casas que estão perto da minha, a maioria delas de grandes dimensões, afastadas umas das outras, algumas mais modernas, outras mais rústicas, umas com jardim grande e outras com piscina; casas que estão muito afastadas da minha, com características mais tradicionais, maioritariamente pintadas de branco com rodapés amarelos ou azuis. Através da minha janela, contemplo muitos espaços verdes e campos enormes, que nesta estação do ano (primavera), voltam a ganhar vida, fazendo com que esteja em contacto com a natureza e me sinta mais tranquila.

Vivo numa zona bastante calma da minha cidade, onde não há trânsito, confusão nem barulho. As pessoas muitas vezes aproveitam esta tranquilidade para descontraírem e andarem de bicicleta, fazerem exercício e apanharem ar puro. Mas, devido a esta situação da covid-19, é raro agora ver pessoas na rua, o que faz com que pareça que as ruas perderam vida e alegria.

A partir da minha janela consigo contemplar uma paisagem incrível, onde se pode observar uma parte mais rural da minha cidade e também uma parte mais urbana. E é a combinação destes diferentes lugares que faz com que a vista seja tão espetacular.

É certo que de momento não estamos a atravessar a melhor fase das nossas vidas, pois devido a este vírus não podemos sair de casa e é quase como se estivéssemos presos. Mas também é certo que estes são os momentos em que mais refletimos e aprendemos a dar valor ao que temos, como por exemplo, aos amigos, às atividades que praticamos em família e até mesmo à nossa cidade, porque, acreditando ou não, são estas pequenas coisas que nos fazem viver com mais alegria.

Quando olho pela minha janela, sinto que estou a viver numa cidade-fantasma, é como se a alegria se tivesse ido toda embora. O nosso centro histórico, que costumava estar sempre cheio de pessoas e turistas a passear, a comerem o seu gelado de chocolate ou simplesmente a beberem o seu café sentados numa esplanada, ao som da guitarra ou do saxofone que os músicos de rua tocavam para animar aquelas tardes irradiadas com o maravilhoso sol do Alentejo, foi simplesmente tomada por um silêncio assustador. O parque infantil onde a alegria das crianças a brincar dominava passou a ser dominado pela solidão e o único barulho que se ouve agora é o simples cantar dos pássaros. As ruas estão vazias e transportam tristeza. A mesma tristeza sentida pelas pessoas, à qual se juntam os sentimentos de medo e insegurança que as pessoas transmitem quando saem à rua face: o medo de ficarem contaminadas pelo vírus.

A boa notícia é que, com o passar do tempo, a cidade está a voltar à normalidade. Aos poucos já se vai assistindo a uma maior presença de pessoas na rua e só isso dá logo uma melhor alegria à cidade. E neste momento já só quero que isto passe e que as nossas vidas voltem à normalidade.



A PRAIA DO NOSSO ALENTEJO!

Trabalho orientado a distância com recurso a ferramentas digitais
3.º Período de 2020
Trabalho coletivo da turma 8.º F

CAPÍTULO IV – VAGAS

ESTE É O MEU ALENTEJO – Helena Perdigão (professora)

As extensas planícies a perder de vista são o meu Alentejo de outrora. Montes e vales calcorreados sem destino, sempre a pedalar, com os cabelos ao vento e liberdade sem limites.

As casinhas brancas, os montes e as quintas, onde nas longas tardes soalheiras tomávamos banhos nos enormes tanques de rega e nos divertíamos sem que nos déssemos conta disso, sem preocupações e sem medos. O tempo levava séculos a passar e as searas de trigo faziam as alegrias dos meus pais. Nós corríamos feitos doidos por elas adentro e escondíamo-nos. Quem nos encontra? Quem?

Tanta gente a trabalhar, para a frente e para trás, as ceifeiras, os pastores, o guarda florestal, o abegão, as lavadeiras e o feitor. E o pão! E a casa da malta!

Lembranças de outrora de um Alentejo longínquo, repleto de searas... Este é o meu Alentejo, o Alentejo das searas, do trigo, dos homens e das mulheres da Aldeia, e sobretudo daqueles para quem a Terra é um bem maior!

O Alentejo, situado no sul de Portugal, é caracterizado essencialmente pelas paisagens planas e verdes no verão e amarelas e castanhas no inverno.

Esta região tem vários encantos: de dia pode-se observar as vastas planícies e, à tarde, com o silêncio dos campos, consegue-se contemplar o pôr do sol atrás do monte. Cada hora aqui passada tem a sua magia, especialmente quando é acompanhada do cante alentejano sob o céu estrelado e saboreando a boa gastronomia, como o borrego assado, a excelente açorda ou uma deliciosa sericaia.

O homem alentejano acorda cedo, ainda estão os vidros da casa embaciados pelo frio da noite e ainda o dia não amanheceu e lá vai tratar dos animais e de todo o trabalho do campo que é preciso fazer: amanhar a terra, limpar, cultivar, ceifar, apanhar os frutos, etc.

À noite regressa a casa e senta-se ao lume ou no alpendre e descansa do trabalho para recomeçar no dia seguinte.

A Alentejo é uma espécie de mar
Difícil de domar
Mas quem apanha a onda
É fácil de navegar
É um sítio maravilhoso
Que todos devem visitar



A melhor forma de começar o dia, para mim, é abrir a minha janela. Os raios de Sol ao entrarem pelo meu quarto iluminam-no e dão-me motivação para iniciar o que será um novo dia cheio de oportunidades e desafios. A minha janela acaba por se assemelhar aos meus olhos e reflete, agora, esta Évora onde vivo.

Através da minha janela consigo observar um bairro envelhecido, com casas pequenas, mas com quintais onde vemos quase sempre um animal de estimação, que são a melhor companhia destes indivíduos e que os ajudam a combater a solidão. Consigo também observar a relação forte que há entre vizinhos que moram lado a lado há anos e anos e que se consideram como família. Em oposição, nas casas com as janelas ao lado e à frente da minha vivem famílias jovens. Famílias que têm casas grandes, muitas têm quintais com piscina, mas não têm um animal que lhes faça companhia. Muitas das crianças brincam na rua, apesar de terem certamente uma grande variedade de videojogos em casa. É a liberdade do espaço que os atrai e delícia.

Apesar das realidades serem bastante diferentes no mesmo bairro e, conseqüentemente, na cidade em que vivo, existem muitos aspetos em comum, como a relação de proximidade entre vizinhos e entre os habitantes e os pequenos comerciantes aqui localizados. Aqui, consigo ter uma vida bastante equilibrada. Consigo estar em contacto com o ar livre à distância de um passo. Posso escolher se quero fazer exercício físico em casa ou na rua, sem o medo de ter uma nuvem de poluição à porta de casa. Consigo ter uma vida bastante independente porque tudo é perto, desloco-me a pé para casa dos meus amigos, para a escola ou para o centro histórico. A vida aqui é mais livre devido às reduzidas dimensões de Évora.

Porém, este é o maior defeito da cidade: a sua dimensão. Não existem ofertas ou oportunidades suficientes e isso acaba por expulsar muita gente. Um dia, a rua com famílias, que referi acima, vai passar a ser a rua de trás, com idosos isolados, porque esses filhos (provavelmente eu incluída) vão deixar esta cidade para trás e vão em busca de mais e melhores oportunidades no litoral ou fora do país.

Esta cidade vive do turismo e, apesar de ser o seu ponto forte, penso que é mal aproveitado. A cidade tem bastante potencial e, por exemplo, ao domingo à tarde todo o comércio está fechado. Este é um dia em que, por norma, toda a gente está em casa, ainda que esteja bom tempo, pois praticamente nada está aberto. Assim, em vez de os habitantes e os turistas darem uma volta a pé pelo centro da cidade, decidem ir para o shopping, um local fechado, com oferta que não é a melhor, e o pior é que vão para um sítio comum, onde encontram aquilo que encontram em qualquer outra cidade. Porém, o que faz Évora esta cidade especial e única é o seu centro histórico.

Concluindo, Évora é uma cidade que é subvalorizada em muitos aspetos e esses aspetos acabam por destruir a excelente cidade que é em tantos outros.

ÉVORA VISTA DAS MINHAS JANELAS –

Madalena Costa, 11.º D

Pode dizer-se que vivo nos confins da nossa cidade de Évora, mas tive a sorte de viver numa casa onde todos os aspetos desta cidade deslumbrante se conseguem ver, e os que não estão visíveis todos os sabemos de cor, ou devíamos saber. Não sei se como eborense que sou deveria saber os nomes de todas as ruas, de todos os locais-chave da cidade, mas confesso que não sei e que ainda os estou a aprender. A única coisa que sei é que da minha janela... da minha janela vejo os dois lados da cidade.

Acordo de manhã com uma vista exclusiva para a vinha da Cartuxa (Fig. 1) e lá no fundo conseguem destacar-se, pela altitude, o Alto de São Bento e os seus clássicos moinhos. Acordar para ter aulas torna-se menos exaustivo quando se pode acordar com uma vista destas, tão linda, e com um ar tão puro que é de uma pessoa ficar rendida ao mundo do campo, ao ar livre e ao facto de não haver prédios a estragar a paisagem. Às vezes gostava de viver no meio do campo (era uma paz de espírito), mas já estou a vaguear, então devo voltar ao tema desta reflexão.

Do outro lado da minha casa tenho outra janela com uma vista completamente distinta da descrita anteriormente. Esta vista é uma visão sem verde que se aviste, mas não deixa de ser bonita. Dessa janela, quando olho em frente, vejo um bairro, uma rua, a minha rua que não é mais do que um aglomerado de casas em que, de vez em quando, vemos o gato dos vizinhos a passear-se pelo muro da minha casa, como quem não quer a coisa. Quando olho para a direita já a vista é outra. Os meus olhos quase que conseguem ver o centro histórico ao detalhe apesar da distância (Fig. 2). A arrebatadora Sé de Évora destaca-se naquele centro cheio de história e que,

sem dúvida, vale a pena perder um tempo para visitar. Consigo ver perfeitamente a escadaria que se forma desde à Sé, desde o Templo Romano, até aos bairros que se vão formando na periferia, cada vez mais perto do meu. Olho para a esquerda e vejo mais casas, mais alcatrão, mais de tudo o que é típico num bairro.

Através de uma janela, o que se pode dizer sobre uma cidade é admirável. Como na minha casa, em muitas outras também se devem conseguir ver coisas similares às que descrevi. Évora é uma cidade linda para se viver, temos a tranquilidade que em grandes cidades não podemos encontrar e não temos o tráfego tão lento e caótico como têm as grandes cidades. São muitos os aspetos positivos que esta nossa cidade tem, mas claro que também tem os seus contras, embora eu não lhes dê muita importância. Não é tão moderna como por exemplo a capital, mas acho que isso nem é necessário. É esta antiguidade que faz de Évora uma cidade especial, diferente e acolhedora. Para não falar dos eborenses, os puros alentejanos que são unidos, que estão sempre com a graça na ponta da língua e que são educados para toda a gente.

Escrevi sobre como é magnífica a vista de Évora que posso observar através das minhas janelas, sobre como é fantástica esta cidade. Espero nunca perder a ligação que tenho com ela, cidade que adoro, e, se de cá sair, creio que não me vai perdoar.

Finalmente era Verão. Era agosto e estava um calor abrasador. Sofia encontrava-se em sua casa, em Évora, com a sua irmã mais nova chamada Rita. Como habitualmente, estava um dia agitado na cidade. Havia turistas de um lado para o outro, saltando de loja em loja para comprar as típicas lembranças do local.

De repente chegam os seus pais, em alvoroço, dizendo que têm uma boa notícia para a família. Felizes, anunciam que conseguiram comprar uma grande casa perto da praia da Nazaré, para passarem férias ou o tempo livre que tivessem com quem desejassem. Aproveitando esta novidade, Sofia pergunta ao pais se pode levar, durante alguns dias, os seus amigos mais próximos para esta nova casa. Ao início, os pais estranham esta ideia repentina, mas depois aceitaram-na dizendo para terem cuidado. Sofia, alegre, conta a boa notícia aos seus amigos: à sua melhor amiga Joana e ao seu irmão Pedro, e ainda a outro seu amigo mais antigo chamado Francisco. Ficam os jovens ansiosos e preparam tudo para saírem no fim de semana seguinte. Passada uma semana, chega o tão esperado dia e todos se encontram em casa de Sofia. Partem pela manhã no carro de Francisco, animados, e a ouvir a música alta do rádio. Ao fim de duas horas de viagem, e depois de algum tempo a tentar encontrar a moradia, arrumam as suas coisas e decidem ir para a famosa praia do Norte, que ficava a um quilómetro a pé. A casa era grande, alta e espaçosa, com um extenso jardim e piscina. O interior era amplo e com bastantes quartos e tudo mobilado modernamente.

Estava novamente um dia quente e todos aproveitaram para almoçar num restaurante à beira mar. Passado algum tempo, foram para a água, e todos se iam divertindo. Foi entardecendo lentamente, o mar ia ficando mais agitado e as pessoas começavam a ir se embora. Quando os adolescentes decidiram que estava na hora de regressarem a casa foram dar o seu último mergulho em conjunto, mesmo sabendo que o mar estava agitado. Todos iam saindo da água e arrumando as suas coisas, exceto a Sofia que parecia ficar cada vez mais longe, estando a ser levada aos poucos pela corrente. Os seus amigos deixaram de a ver, e preocupados gritaram pela ajuda de um nadador salvador para irem procurá-la. Encontraram Sofia desmaiada na costa a alguns metros de distância. De seguida, levaram-na para o hospital e Sofia depois de acordar, viu todos os seus amigos à sua volta.

Esta história prova que o mar nos cativa, nos atrai, nos convida a mergulhar e a ir. Mas temos que tomar atenção ao perigo que ele representa, para podermos voltar.

Vivemos consumidos pela rotina, pelas preocupações com o telemóvel, o trabalho e nós próprios, na nossa cidade pequenina, calma e segura, onde a maior ameaça à segurança pública é o roubo de... uma gomas ou uns rebuçados. Quanto à noção do mundo lá fora, provavelmente apenas dois em cada cem de nós a terão.

Falo por mim, vítima da minha humilde rotina semanal, convencida de que não tenho tempo para nada. Mas... não tenho ou não quero ter? Não lhe deveria chamar falta de tempo, mas antes 'dificuldade em definir prioridades'. Se calhar só cinco minutos de telejornal seriam bem mais enriquecedores do que invejar a roupa desta ou da outra. E isto acontece porquê? Porque, como disse, tenho as prioridades desorientadas. Não é que eu vá fazer diferença no mundo, mas como é que ousa pretender fazer frente à discriminação em virtude da religião que acontece na Síria, se vou buscar informação à loja de roupa e não às inúmeras reportagens que passam na televisão? Como dizer ao Padre António Vieira que a culpa nem é do sal que não salga nem do povo que não se deixa salgar, mas reside na forma como hoje lidamos com a informação? E se a culpa destas desgraças estiver em nós? E se estiver na comunicação?

Inúmeras catástrofes ocorrem a todo o momento: hoje são as inundações em Moçambique, ontem eram os fogos na Amazónia, amanhã será a desertificação por falta de água e a erosão do solo no Alentejo devido às monoculturas... Mas o que se passa nas redes sociais? «Hoje é dia do cão! Identifica o teu amigo que tem um!»

Algo vai mal: ou o sal da informação não é o ideal para nos salgar, ou a terra que somos procura o sal na loja errada, ou simplesmente preferimos iludir-nos ocultando do nosso próprio olhar a dura realidade que nos cerca e nos deveria preocupar... e ocupar.

Na minha cidade há um ar de...

... alunos que, ao esforçarem-se nos estudos, dão forma ao futuro coletivo. (Matilde Simão)

... antiguidades que mantém viva a memória do passado. (Mafalda Camoesas)

... amizade, que faz com que tenhamos aqui muitos amigos, e

... amor, que faz com que as pessoas continuem a multiplicar-se. (Filipe Consolado)

... alegria, para as pessoas se alegrarem todo o dia. (Pedro Freire)

... belos campos em redor da cidade, que na primavera parecem tapetes floridos e acolhem animais que neles vivem. (Rita Pires)

... Bombeiros que ajudam a comunidade a alimentar-se de bondade. (Afonso Mira)

... desportistas que trabalham, treinam e jogam para melhorar o seu talento e dar espetáculo. (Diogo Piteira)

... energia que nos ajuda a ser melhor cada dia. (Manuel Silvestre)

... escolas, que ajudam as crianças e jovens a aprenderem e a construir o seu futuro. (Madalena Avó)

... imaginação, que permite a cada um de nós inventarmos o nosso futuro. (Pedro Freire)

... gente asseada que não deita lixo para o chão, que voluntária para limpar e que o mundo quer melhorar. (Diana Brito)

... gente educada que para nas passeadeiras para deixar os peões passar, que diz “Bom dia” e “Boa tarde” para os vizinhos cumprimentar, que pede desculpa sempre que se engana e que se disponibiliza para ajudar o próximo. (Diana Brito)

... gente que vai e vem para o trabalho, que todos os dias se esforça para que tenhamos um futuro promissor. (Madalena Silva)

... livros que apelam à imaginação e aos valores dos leitores. (Matilde Simão)

... monumentos que trazem o passado até ao presente e nos lembram da nossa História. (Madalena Avó)

... pais-guerreiros que todos os dias lutam por nós, pela justiça e pelo desenvolvimento da nossa cidade e das nossas vidas. (Miguel Silva)

... polícias e guardas que mantêm a cidade em ordem. (Catarina Chaveiro)

... professores que ensinam os alunos (Catarina Chaveiro)

... transportes públicos que levam as pessoas para a escola, o trabalho ou outro lugar, sem o cliente prejudicar. (Miguel Menúria)

... turistas que nos vêm visitar para qualquer dia nos recordar e aqui desejar voltar. (Diana Brito)

... voluntários, que ajudam os bombeiros, profissionais da saúde e doentes, e são eles que permitem manter a esperança viva. (Filipe Consolado)



O NOSSO ALENTEJO É UMA REGIÃO CHEIA DE COR, DE HISTÓRIA E DE BELAS PAISAGENS

MAR DO ALENTEJO (TEXTO COLETIVO DA TURMA 9.º C)

Academia de Português

Percorrer o Alentejo é uma aventura inesquecível, pois esta região tem muito para oferecer a quem a visita e a quem nela reside. A paisagem alentejana é das mais bonitas com campos planos, verdes ou dourados, onde é possível encontrar os majestosos sobreiros, as encantadoras azinheiras e as preciosas oliveiras.

O Alentejo também tem imensas vilas e aldeias históricas que transmitem tranquilidade e sossego e dão-nos a conhecer o nosso passado. Para além disso, temos a nossa cidade de Évora recheada de monumentos e com um templo romano que é único e que dá uma identidade especial à cidade.

Nem só de campo é feito o Alentejo, também o mar abraça a costa alentejana: praias rochosas, conchas e búzios, um mar calmo ou agreste animam esta paisagem. Para quem não gosta muito da água fria destas praias, pode optar por um passeio de barco ou visitar as grutas como, por exemplo, as de Porto Covo.

O Alentejo tem riqueza e simplicidade que são características singulares desta zona do país e são estes pormenores que encantam toda a gente que a visita.



Vincente van Gogh, Campo de trigo com corvos

O Alentejo é uma terra de muita cultura e marcada pela história de muitos povos. Esta região é visitada constantemente por muitas pessoas de todo o mundo que querem conhecer a sua cultura, gastronomia e principalmente os monumentos históricos. A gastronomia do Alentejo é rica em pratos tradicionais e um dos mais conhecidos é a açorda, mas também há pratos como a sopa da panela, a sopa de tomate e os enchidos que também são muito típicos.

O Alentejo é uma terra que é muito afetada pelas secas devido ao seu clima quente e seco e, por esse motivo, foi construída a barragem de Alqueva que também é um ponto de turismo pela sua grandeza.

O Alentejo é um lugar muito bonito, com paisagens deslumbrantes e com praias fantásticas onde as pessoas se divertem, estão com a família e se refrescam, pois no verão as temperaturas são muito elevadas.

O Alentejo permite-nos apreciar as obras dos nossos antepassados: quando vemos um monumento lembramo-nos de quem o terá construído; quando passeamos pelas ruas e ruelas imaginamos quem terá pisado aquele chão antes de nós.

O Alentejo permite-nos mergulhar com nostalgia no passado, mas leva-nos a olhar para o futuro.

O ALENTEJO 2 – Ângelo Teixeira, David Aires, Filipe Eustáquio, Ivo Távora, Jorge Afonso, Vasco Freixial, 9.º G

O Alentejo é uma das regiões mais bonitas do país e uma das mais visitadas atualmente por todos os que apreciam vastas planícies douradas, típicos montes alentejanos e maravilhosas aldeias, vilas e cidades, pintadas de branco.

Évora foi classificada património mundial pela UNESCO e é bastante conhecida pelos seus monumentos, a sua gastronomia e pelas gentes. Os monumentos mais turísticos são: o Templo Romano, a Sé, a Capela dos Ossos, a Universidade, e as inúmeras igrejas que estão por toda a cidade.

A gastronomia alentejana é uma das melhores do país, nomeadamente as sopas, as açordas, as migas, o gaspacho, o ensopado e toda uma variedade de enchidos que os alentejanos souberam aproveitar do porco.

O povo alentejano é conhecido como um povo calmo, conservador, mas muito trabalhador, pois dantes trabalhava de sol a sol, no campo, para sustentar a família. As gentes do Alentejo têm muito orgulho nas suas tradições, como seja a matança do porco, as festas religiosas e as festas das vindimas, etc.

Também o mar faz parte do Alentejo, pois é o oceano Atlântico que banha a costa desta região. Foi no mar do Alentejo que os navegadores portugueses da época dos Descobrimentos desembarcaram muitas vezes depois de diversas viagens pelo mundo.



A beleza do alentejo dura todo o ano.

Principalmente na primavera, quando o sol fica mais brilhante. O céu mais azul parece o mar, os campos enchem-se de cores, aromas, flores de todas as cores.

O MAR DO ALENTEJO (texto coletivo da turma 9.º A – Academia de Português)

O Alentejo não é só feito de vastos campos, também tem mar que tem muitas histórias para contar.

Nesta costa alentejana, muitos pescadores tornaram-se marinheiros e descobridores de terras que fariam mais tarde parte do nosso território. O mar é uma riqueza que os portugueses souberam aproveitar para pescar, navegar e também para descansar do trabalho da vida quotidiana.

Não é só no mar que podemos encontrar locais que nos oferecem bem-estar, pois o campo alentejano também nos transmite serenidade e uma sensação de liberdade. Nesta região, encontramos uma paisagem muito típica e diferente do resto do país com as suas oliveiras, azinheiras e sobreiros com as quais podemos obter várias matérias primas. O nosso Alentejo é rico na produção de azeite e em produtos de cortiça, famosos em todo o mundo pela sua qualidade e pela importância na gastronomia e nas múltiplas aplicações em que o Homem utiliza a cortiça. Porém, nos últimos anos, a produção destes bens tem vindo a ser posta em causa devido à seca que tem afetado o Alentejo.

Nesta região, encontramos disperso pela natureza o monte alentejano com a sua arquitetura única e muito distinta de todas as outras casas do país. Também devemos acrescentar que no Alentejo existem tradições que já são classificadas como património imaterial da humanidade como, por exemplo, os chocalhos e os bonecos de Estremoz.

O Alentejo é, para todos os alentejanos, uma dádiva.

O NOSSO ALENTEJO É UM MAR DE LIBERDADE – Matilde Cravosa, 8.º B

Olho em frente. Vejo uma planície verde, brilhante e chamativa e tenho uma tentação enorme de correr para lá e de me deitar naquela cama confortável.

Ser livre! Livre de pensar o que quero, de fazer o que quero e de me divertir assim, sozinha – ou melhor, eu e aquele campo, eu e aquele verde, eu e aquela frescura – sem necessidade de mais alguém para me sentir feliz. Livre para gritar do alto da minha liberdade “Sou livre!”.

Neste aglomerado de casas onde estou há pessoas a andar, de cá para lá e de lá para cá, sem expressão facial, homens e mulheres ignorados no meio de tanta escuridão. Correm para aqui, correm para ali, insultam-se os que se deslocam de carro e buzina com intensidade à mais pequena contrariedade.

Mas ali não. Ali... nem tenho palavras para descrever a alegria que sentiria se ali estivesse...

À tarde deixo o casario branco, depois de um dia de cansaço, e sinto-me bem ao olhar em frente. Estou aqui e a minha imaginação está lá. E oiço passarinhos alegres chilreando, que esvoaçam como se bailassem com o vento, peixes que se movem rápidos dentro da água da barragem, o rebanho alegre que se alimenta daquele verde. Tudo isto debaixo daquele por do sol que arde no horizonte, no fim do céu azul infinito.



OBRIGADO – Daniela Fialho, 9.º E

O mar... o que dizer sobre ele? Aquela extensão pintada de azul que beija e afaga Portugal de lés a lés. Aquele azul que se confunde com o céu e que nos mostra o horizonte. Esse mesmo horizonte que esconde o Sol nos seus braços.

A brisa, o cheiro, o som, tudo nele nos envolve de tal maneira que por momentos nos faz perder a lucidez e sonhar com a sua beleza e o seu ar misterioso, Eu, em particular, cada vez que o contemplo, penso nos nossos “heróis do mar” a desbravarem o desconhecido, a dar a conhecer o mundo e a abrir horizontes ao mais céptico dos seres. Acredito profundamente que o mar “corre” nas veias do menos patriota dos portugueses. É um dos nossos bens mais preciosos e queridos.

É verdade que quando partimos, o céu nos aguarda? Talvez, uns acreditam que sim e outros nem por isso. No entanto, quando olho o mar, gosto de imaginar que em cada onda e em cada grão de areia reside a mais pobre ou rica das almas. Que quem nunca teve oportunidade de o ver em vida pode agora conhecê-lo e com ele fazer amizade e, melhor ainda, aqueles que o amaram, que nele viveram e alguns que nele morreram podem olhá-lo nos olhos, fazer-lhe uma carícia e dizer-lhe: “Obrigado”.



VIVER OCEANOS DE SOLIDÃO – Inês Riço e Ana Quadrado, 9.º G

O comboio acaba de partir mais uma vez de Lisboa para Coimbra e lá estou eu rodeada das mesmas pessoas, ouvindo as mesmas conversas e vendo as mesmas paisagens. De repente, vejo uma família à procura de um lugar, família essa que nunca tinha visto neste comboio. Ao contrário dos outros passageiros, aquelas pessoas demonstravam felicidade e prazer em estarem juntos. A família era constituída por um casal aparentemente saudável e apaixonado e por uma adolescente idêntica a esse casal, logo, assumi que era filha deles.

A partir desse dia, essa família passou a fazer parte dos passageiros habituais que embarcavam com destino a Coimbra. Ao longo do tempo fui me apercebendo de algumas mudanças naquela família. As suas roupas, acessórios e comportamento tornavam-se cada vez menos humildes o que poderia querer dizer que a sua condição financeira estava a melhorar. No entanto, não foi apenas isso que mudou. Reparei que o homem passava a maioria do seu tempo ao telemóvel no que aparentavam ser conversas de negócios. A mulher parecia cada vez mais distante e a filha cada vez mais arrogante e fútil. Com isto entendi que o dinheiro ia destruindo aos poucos esta família. Passado algum tempo, a mulher deixou de aparecer e a rapariga evitava olhar para o rosto do homem. Um dia, ouvi o homem a repreender a rapariga e ela, descontrolada, começou a acusá-lo de ser a causa do fim daquela família. E essa foi a última vez que vi aquela rapariga naquele comboio.

As viagens de comboio foram passando e o homem parecia estar lentamente a afundar-se num oceano de tristeza e solidão. No lugar do sorriso e da felicidade genuína com que ele tinha entrado pela primeira vez neste comboio estava um olhar vazio dentro de um corpo consumido pelo álcool e pela culpa. Numa das viagens, vi o homem sentado à janela com uma garrafa de álcool na mão enquanto pedia desculpa e dizia que estava arrependido de ter trocado a sua família e o amor que tinha por dinheiro e solidão. E quando ele saiu na paragem final apercebi-me que seria a última vez que o veria.



Trabalho orientado a distância com recurso a ferramentas digitais

3.º Período de 2020

Trabalho coletivo da turma 8.º D

FIM

